

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FELIPE KRASINSKI ALVES PEREIRA

CURITIBA

2016

FELIPE KRASINSKI ALVES PEREIRA

CHINA: UM POLO DUPLO NA ECONOMIA MUNDIAL E SUA TRAJETÓRIA
DESENVOLVIMENTISTA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção de Bacharel em Economia, no Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientador: Prof. Demian Castro

CURITIBA

2016

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar os principais determinantes do crescimento econômico na China nas últimas décadas. Como a China se tornou grande importadora e exportadora e umas das maiores economias mundiais.

Além disso, como aconteceu a dinâmica do crescimento econômico na China através da taxa de investimento, abertura comercial, os investimentos direto estrangeiros e a taxa de câmbio. E apresentar o conceito do duplo polo, juntamente aos seus efeitos sobre a dinâmica econômica asiática.

Buscando em sua primeira parte, apresentar a trajetória desenvolvimentista chinesa. Iniciando com o governo de Mao e com a ascensão do Partido Comunista ao poder, demonstrando as propostas elaboradas pelo estado para o avanço econômico do país.

Demonstrar a formação das Zonas Econômicas Especiais, e o início do processo de industrialização chinês, que convergiu para uma mudança na pauta de produção do país. Além de alterar as pautas da sua balança comercial. Na segunda parte do trabalho, será demonstrado como a mudança no cenário industrial da China, que levou ao país a se tornar um polo duplo na economia mundial, e quais foram os impactos gerados na economia regional asiática, através do impacto gerado.

Palavras-chave: China, polo duplo, desenvolvimento econômico, industrialização chinesa.

ABSTRACT

This paper aims to identify and analyze the main determinants of economic growth in China in the last decades. How China became a major importer, exporter, and one of the largest economies in the world.

In addition, how did the dynamics of economic growth in China through the investment rate, trade opening, foreign direct investment and the exchange rate. In addition, present the concept of the double pole, along with its effects on Asian economic dynamics.

Seeking in its first part, to present the Chinese developmental trajectory. Beginning with the Mao government and with the rise of the Communist Party to power, demonstrating the proposals drafted by the state for the country's economic advance. Demonstrate the formation of Special Economic Zones, and the beginning of the process of Chinese industrialization, which converged to a change in the country's production schedule. In addition to changing the guidelines of your trade balance. In the second part of the paper, it will be demonstrated how the change in the industrial scenario of China, which led the country to become a double pole in the world economy, and what were the impacts generated in the Asian regional economy, through this impact generated

Keywords: China, double pole, economic development, Chinese industrialization.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO (IDE) EM DOLÁRES NA CHINA.....	22
GRÁFICO 2 – GASTOS DO PIB CHINÊS EM P&D (EM %).....	27

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PARTICIPAÇÃO DA CHINA NA EXPORTAÇÃO GLOBAL DE PRODUTOS DE ALTA/MÉDIA TECNOLOGIA.	26
FIGURA 2 – BALANÇA COMERCIAL CHINESA COM O LESTE ASIÁTICO E O JAPÃO.....	31
FIGURA 3 – PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS NAS IMPORTAÇÕES POR PAIS DA ÁSIA.....	31

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DA CHINA (2014).....	28
---	----

LISTA DE SIGLAS

PCC	PARTIDO COMUNISTA CHINÊS
RPC	REPÚBLICA POPULAR DA CHINA
URSS	UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS
IDE	INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO
ZEE'S	ZONAS ECONÔMICAS ESPECIAIS
ASEAN	ASSOCIAÇÃO DAS NAÇÕES DO SUDESTE ASIÁTICO
TI	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
OEM	ORIGINAL EQUIPMENT MACHINE

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A TRAJETÓRIA DESENVOLVIMENTISTA CHINESA.....	12
2.1	A ERA DE MAO TSE TUNG	12
2.2	O GOVERNO DE DENG XIAOPING	17
2.3	A CRIAÇÃO DAS ZEE'S E O INICIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO CHINESA .	19
2.4	O SALTO NA INDUSTRIALIZAÇÃO CHINESA	23
3	A CHINA COMO POLO DUPLO NA ECONOMIA MUNDIAL	27
3.1	A FORMAÇÃO DO DUPLO POLO CHINÊS	27
3.2	O DUPLO POLO CHINES, E A O IMPACTO SOBRE O CONTINENTE ASIÁTICO.....	31
4	CONCLUSÃO	36
5	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a China conseguiu deixar de ser uma economia pobre e de mero cunho agrícola, além de extremamente fechada ao mercado exterior. Para transformar-se em um país referência no quesito industrial e uma potência global no cenário econômico. O desenvolvimento Chinês se tornou exemplo para as demais economias, e foi considerado como o despertar de um “gigante adormecido”, que conseguiu alcançar em três décadas um nível de crescimento espantoso para os olhos da sociedade mundial.

O forte controle do Estado sobre o país, além de um planejamento centralizado, com intuito de desencadear uma modernização econômica no país, foram considerados com um dos principais responsáveis pelo crescimento econômico, e pela industrialização chinesa. Aonde tal evolução com taxas elevadíssimas, somente são compreendidas se verificado os aspectos estruturais da economia da China.

Diante desse cenário, o primeiro capítulo busca demonstrar a trajetória desenvolvimentista do país, que muito é decorrente do processo de abertura econômica imposto por Deng Xiaoping no fim do nos 70, e que se iniciou com a ascensão do Partido Comunista ao poder sob o governo de Mao Tsé-Tung. Demonstrar as propostas elaboradas pelo governo, como por exemplo a das Quatro Modernizações, e o processo de industrialização do país, que foi por grande parte, fomentado pela criação das Zonas Econômicas Especiais, e pelos investimentos estrangeiros em território Chinês.

Já no segundo capítulo, após a trajetória desenvolvimentista chinesa ser apresentada no capítulo anterior, introduz-se a ideia de como a China se transformou em um polo duplo na economia mundial, e como esse movimento impactou a dinâmica econômica e comercial da região. Uma vez que a China se transformou em um dos principais parceiros econômicos nas pautas de importações dos seus vizinhos asiáticos, e de forma paralela em um grande exportador para os Estados Unidos e para a Europa.

O que muito se correlaciona com a entrada da China em mercados que previamente eram ocupados por países asiáticos. Tornando-se com isso, necessário a formulação de uma nova dinâmica no cenário comercial e econômico asiático, buscando adequar-se à nova conjuntura que os países foram submetidos.

Os principais objetivos que serão buscados no trabalho, serão a Chinês nas últimas décadas. Como a China se tornou grande importadora e exportadora e umas das maiores economias mundiais.

Além disso, como aconteceu a dinâmica do crescimento econômico na China através da taxa de investimento, abertura comercial, os investimentos direto estrangeiros e a taxa de câmbio. E apresentar o conceito do duplo polo, juntamente aos seus efeitos sobre a dinâmica econômica asiática.

2 A TRAJETORIA DESENVOLVIMENTISTA CHINESA

Para a China consolidar-se em um molde com maiores níveis de integração política e econômica, similarmente ao que ocorria com os demais países, não foi um processo que ocorreu de forma repentina. Em busca da abertura do mercado chinês, foi necessário a elaboração de um processo conduzido de forma muito atenta pelo Estado, sendo apenas possível dado a ascensão do Partido Comunista Chinês (PCC) ao poder.

Para explicar a trajetória desenvolvimentista Chinesa, será desenvolvido um breve contexto histórico do país, passando pelo governo de Mao, suas reformas e a tentativa de impor o “Grande Salto Adiante”, avançando em seguida para o governo de Deng Xiaoping e as “Quatro Grandes Modernizações”, chegando ao ponto das criações das Zonas Econômicas Especiais, que dá início a industrialização Chinesa, e por final, será explicado o salto na Industrialização Chinesa, que levou o país alcançar os patamares atuais.

2.1 A ERA DE MAO TSE TUNG

A China teve sua fundação como República Popular da China (RPC) em 1949, frente do governo de Mao Tsé-Tung, que trazia a proposta de realizar reformas que fossem capazes de gerar modificações nas estruturas econômicas, políticas e sociais em que se encontrava o estado do país. Os códigos e condutas propostos, prometiam a população chinesa que os mesmos teriam direitos igualitários, liberdade de expressão, além de uma educação adequada, afim de inserir os cidadãos nos projetos que viriam a ser aplicados pelo partido. (SPENCE, 1990)

Gerando dessa maneira, um acréscimo na qualidade de vida dos chineses, terminando assim as condições de servidão em que os habitantes vivenciavam no período do governo nacionalista anterior a ascensão do Partido Comunista da China (SPENCE, 1990).

No âmbito político, o PCC prometia um maior diálogo com os países que estiverem predispostos a aceitação do mesmo como soberano na condução das decisões nacionais do país, fato que pode ser observado desde o início da aproximação das relações diplomáticas do país com a União Soviética.

O PCC tomou como exemplo o modelo soviético, para que Mao pudesse buscar implementar os moldes de organização administrativa, desenvolvimento de estratégias e direcionamento dos investimentos. O partido também propunha que houvesse uma reestruturação que projetasse diversas reformas no campo, em busca da geração de uma expansão na produção agrícola, sendo assim capaz de sustentar o desenvolvimento nacional chinês. (SPENCE, 1990).

Elaborou-se no ano de 1953, o primeiro grande plano econômico Chinês, que se estenderia por um prazo de cinco anos, e ficou conhecido como plano quinquenal, que era caracterizado por um alto nível de centralização estatal, com objetivo de realizar fortes investimentos na indústria pesada, podendo destacar os setores de siderurgia, mineração, energia elétrica, produção de maquinários e de produtos químicos

“Esse foi o período de colaboração mais íntima entre China e URSS. Milhares de assessores técnicos soviéticos ajudaram na construção de fábricas, no planejamento industrial, desenvolvimento de energia hidrelétrica, extensão de rede ferroviária e até na arquitetura urbana, onde suas estruturas maciças não se harmonizavam com a paisagem urbana chinesa. A técnica soviética para o crescimento industrial rápido resumia-se em cinco elementos: ênfase na necessidade de crescimento alto durante todo o período do plano; concentração na indústria pesada como fator de crescimento significativo; insistência em altas taxas de poupança e investimento para tornar esse crescimento possível; transformação institucional na agricultura; e um preconceito a favor de métodos capital-intensivo.” (SPENCE 1990, pág.514)

Ainda no ano de 1953 foi implementada uma regulamentação estatal, que obrigava que os excedentes das produções agrícolas, fossem comercializados com o estado a níveis de preços mais baixos, política que visava subsidiar o desenvolvimento do país por via de fornecimento de alimentos para as zonas urbanas, e com isso manter taxas inflacionárias sob controle.

Além dos reajustes no setor agrícola, também foram realizados ajustes orçamentários na base estatal, aonde cada setor da economia foi taxado de forma diferenciada. A indústria pesada teria uma carga tributária mais leve, se comparado aos demais segmentos industriais, e o setor comercial seria o responsável por receber a carga tributária mais pesada, pois foi considerado o menos relevante nos planejamentos governamentais na época. Já o sistema bancário foi composto por uma única instituição de caráter público, buscando fornecer linhas de crédito e direcionar os investimentos das empresas para os setores primordiais da economia. (SPENCE, 1990).

No ano de 1956, foi dado início a campanha denominada “O desabrochar de cem flores”, que almejava a atração de intelectuais para serem alocados em projetos de cunho desenvolvimentista. De forma com que fosse gerado um auxílio no plano de crescimento nacional, entretanto o movimento acabou gerando um efeito contrário ao desejado por Mao, uma vez que os intelectuais aproveitaram a oportunidade para criticar as burocracias do Estado, e incitar greves e manifestações no país.

As manifestações e greves foram duramente combatidas pelo Partido Comunista, e os partidários contrários ao governo que estavam envolvidos acabaram ou presos, ou enviados para trabalhos no campo. Em respostas as críticas que receberam, o PCC tornou-se ainda mais autoritário.

Mesmo com o fracasso da campanha do “O desabrochar de cem flores”, o primeiro plano quinquenal obteve resultados considerados significantes quando chegou ao seu término no ano de 1957. (SPENCE, 1990), tendo um crescimento real médio de 9,5% do PIB no período (segundo dados do *China Statistical Yearbook*)

Ainda de acordo com a obra literária de Spence (1990), a produção na área agrícola, teve números que foram considerados insuficientes, tendo uma expansão na produção de grãos de apenas 1% no ano, enquanto era possível observar no mesmo período uma expansão de 2% da população local.

Por mais que o país tivesse demonstrado eficiência em suprir as metas do plano quinquenal, foi revelado que o país ainda se encontrava em um cenário desequilibrado no seu sistema econômico, com isso, o estado tomou a decisão de descentralizar as decisões no quesito econômico. Aderindo a um sistema no qual se tornavam responsabilidade dos líderes locais tomar frente aos projetos que almejavam o aumento na produção de grãos, e que possuíam uma meta de crescimento de 250%.

No intuito de elevar de forma drástica a produção do país, em 1958, Mao iniciou o “Grande Salto à Frente. O projeto buscava aprofundar a coletivização das atividades do setor agrário, formando comunas, que seriam responsáveis pela implementação de tarefas agrícolas através dos seus líderes locais, que colocariam em prática o que era definido pelo governo.

Após um ano da implementação do plano do “Grande Salto à Frente”, a maior parcela das familiares chinesas já encontravam-se trabalhando conforme as normas impostas pelo governo, aonde uma série de metas que eram extremamente

agressivas foram implementadas, sendo elas tanto para o campo quanto para o setor industrial nas cidades.

Para o Estado nesse plano, incumbia-se a responsabilidade de prestar suporte maior aos projetos que davam ênfase ao cunho industrial, uma vez que os investimentos nessa área eram no caráter de aproximadamente 43% do PIB chinês. Já que o PCC havia promovido um fomento econômico nas zonas urbanas (inclusive provendo subsídios com o excesso da produção agrícola), cada vez mais, uma crescente parcela da população chinesa começou a migrar do campo para as cidades, instaurando-se em setores que não a agricultura, o que consequentemente veio a criar um déficit na mão de obra agrícola (SPENCE, 1990).

Enquanto o plano quinquenal foi capaz de organizar a população e reestruturar a produção agrícola, além de prover renda para o povo, o “Grande Salto à Frente” teve resultados que trouxeram grandes perdas sociais e econômicas para a população chinesa. Estima-se que a produção agrária tenha sofrido uma drástica queda. Foi reportado que 30 milhões de pessoas teriam morrido de fome no período devido a desestruturação da produção agrícola e seus impactos na produção industrial (RUIZ, 2006)

Frente ao cenário em que milhões de chineses morriam de fome, a liderança de Mao frente ao país e frente ao PCC encontrava-se abalada, e com isso foi proposto um movimento chamado de a “Grande Revolução Cultural Proletária”. Onde foram adotadas uma série de medidas que tinham como propósito combater as burocracias e o conservadorismo que havia se formado dentro do Partido Comunista Chinês, Mao enxergava que dentro do partido era conspirado sobre a legitimidade de seu comando e de seu governo, aonde partidários que se opunham ao radicalismo de suas mudanças, se viram expulsos do PCC sob a acusação de estarem traindo a revolução proposta por Mao e pelo PCC.

:

“Os líderes da Revolução Cultural pediam um ataque abrangente contra os “quatro velhos” elementos da sociedade chinesa – velhos costumes, velhos hábitos, velha cultura e velho pensamento -, mas deixavam para a Guarda Vermelha de cada local a iniciativa de aplicar esses termos. Na prática, o que acontecia amiúde era que depois de identificar os alvos mais simples, os guardas vermelhos ansiosos para provar sua integridade revolucionária voltavam contra qualquer um que tentasse detê-los, contra quem tivesse educação ocidental ou negócios com ocidentais e contra todos os intelectuais que pudessem ser acusados de modo de pensar “feudal” ou “reacionário”. (SPENCE, 1990, pág. 570)

A repressão do governo de Mao levou diversos membros da sociedade chinesa a punições e situações humilhantes, aonde escolas tiveram suas portas fechadas, templos foram destruídos e até mesmo moradores foram expulsos de suas residências.

Na busca de Mao em retomar a credibilidade de sua liderança, cada vez mais era gerado um cenário insustentável para o então atual governo, a ponto de serem reivindicados a estatização de empresas nacionais, o término da acumulação de capital privado, e o fim dos juros nos bancos nacionais).

Nesse momento a China optou por alavancar seu desenvolvimento fechando-se aos demais países, e se isolando, se afastando inclusive da União Soviética, que havia sido de suma importância na implementação do plano quinquenal. O isolamento do país veio a ter seu ápice assim que Mao veio a falecer no ano de 1976, acarretando a uma mudança total nas diretrizes e na maneira de condução do Partido Comunista Chinês, e do país em si.

2.2 O GOVERNO DE DENG XIAOPING

Avançando a década de 1970, o país demonstrava sinais evidentes de que os sistemas econômico e político estavam frente a uma grande mudança. Frente a um cenário de insucesso dos anos passados, os sucessores ao poder chinês, buscavam alternativas para o desenvolvimento nacional, onde o objetivo era a mobilização de mais família para o campo, a fim de ofertar mais mão de obra agrícola (visando conter o déficit na produção dos anos anteriores).

Entretanto, parte do Partido Comunista visava introduzir uma forma de crescimento econômico de uma forma mais dinâmica, aonde propunham-se modelos organizacionais e de tecnologias estrangeira, para que a China conseguisse alcançar o patamar de desenvolvimento almejado. Dentro dessa linha de pensamento, se destacava o nome de Deng Xiaoping, que viria a se tornar em seguida, o novo líder dentro do governo chinês. (SPENCE, 1990).

No ano de 1978, Deng Xiaoping tomou frente do governo chinês, adotando assim uma reforma política nos setores mais importantes da economia do país, além de uma abertura comercial, aonde após quase três décadas de controle social e ditatorial, finalmente entendeu-se que o investimento externo e o comércio internacional poderiam trazer o desenvolvimento tecnológico e econômico necessitado pela China. (CHUNG, 2005)

Com a ascensão de Deng Xiaoping ao poder, foi definida uma estratégia para a modernização interna chinesa, buscando rapidamente resolver graves problemas sociais decorrentes da situação de miséria absoluta que grande parte da população vivenciava, e colocar a China até o final do século XX entre os países desenvolvidos de nível intermediário (MEDEIROS, 1999)

Como no governo de Mao, a universalização da educação básica já havia sido estabelecida, veio à tona a possibilidade de que grande parte da população jovem chinesa tivesse acesso a maneiras de aprendizado social, técnicas para produção agrícola e doutrinação política. Mesmo que o sistema educacional instaurado por Mao não tenha sido refletido em aumento da produção agrícola, foi possível com isso uma diminuição na quantidade de analfabetos, o que a longo prazo, traria consequências positivas, uma vez que frente as novas condições políticas e econômicas que se decorreram com ascensão de Deng no governo chinês, jovens provindos do campo

tinham condição de promover seu espírito empreendedor, e alavancar o setor industrial do país. (KYNGE, 2007)

Em dezembro de 1978, em discurso Deng apresentou no XI Congresso da III sessão plenária, o objetivo de efetuar quatro grandes modernizações no Estado chinês, que viriam a gerar uma acentuada mudança das condições econômicas e sociais, transformando assim a China em uma nação de socialismo moderno e poderosa.

“A realização das “Quatro Modernizações exige grande crescimento nas forças produtivas, que, por sua vez, exige diversas mudanças naqueles aspectos das relações de produção e da superestrutura que não estão em harmonia com o crescimento das forças produtivas, e exige mudanças em todos os métodos de gerenciamento, nas ações e nos pensamentos que estão no caminho desse crescimento. A modernização socialista é, portanto, uma revolução ampla e profunda.” (SPENCE, 1990, pág. 613)

Os objetivos propostos nas “Quatro Modernizações” eram bastante arrojados, e visavam através de reformas, aumentar a renda *per capita* da população em quatro vezes até o ano de 2000, e novamente aumentar até 2050 mais quatro vezes. Sendo a agricultura, tecnologia, defesa nacional e o setor industrial os setores que receberiam maiores níveis de atenção do Estado.

O processo foi iniciado através das reformas agrícolas, uma vez que Deng tinha o conhecimento de que este setor era o ponto chave da modernização chinesa, e que seria necessário a utilização de políticas efetivas para gerar uma produção agrária adequada, de maneira que fosse suficiente para suprir a demanda de alimentos dos demais setores do país. Desta forma o seu governo não passasse pela mesma situação da gestão de Mao, onde a população vivenciou a escassez de alimentos, e como consequência teve a fome assombrando-lhes no período. (SPENCE, 1990)

Por meio de uma grande reforma agrária, que continha fortes incentivos à produção e maior autonomia e renda para as famílias produtoras, foi possível elevar a produção agrária da China, e assim criar maiores níveis de renda, além de plantar as sementes do desenvolvimento industrial do país. Vale ressaltar que, a partir deste momento, os agricultores passaram a poder vender parte de sua produção diretamente ao mercado, conferindo-lhes maior liberdade e autonomia sob suas produções. Os camponeses eram obrigados a vender apenas uma parte de suas colheitas (previamente alinhadas) ao governo ao preço por este estipulado, e o

excedente poderia ser comercializado no mercado local, a preços superiores do que praticados ao Estado, ou utilizados para o consumo próprio. (MEDEIROS, 1999).

Dado essa maior flexibilidade no setor agrícola, foi possível a estimulação da produção agrária, que levou a um aumento significativo nas rendas das áreas rurais. A política de geração de renda para as áreas rurais foi fundamental para a expansão da indústria local, pois à medida que a renda da população rural se elevava, abria-se a possibilidade de um maior consumo de produtos industrializados, gerando assim um forte estímulo à produção industrial. Além de fomentar a criação de empresas rurais.

Concomitantemente ao aumento da produtividade agrícola (direcionado pelas políticas centrais do governo no período), a China abria sua economia e se modernizava e através desse movimento, a restrição ao desenvolvimento chinês - assim como da maioria dos países não desenvolvidos - esbarrava na sua capacidade de importar máquinas e equipamentos (MEDEIROS, 1999).

Com as mudanças no setor agrícola, propostas por Deng, ocorreram um aumento da produtividade e da eficiência do setor, conseguindo suprir assim a demanda dos demais segmentos do país, e ter assim uma produção abundante. A iniciativa que Deng promoveu maior autonomia a classe camponesa no quesito de produção e de comercialização dos excedentes agrícolas, e apesar de uma queda de aproximadamente 3,5% na produção no primeiro ano da implementação do plano, os anos posteriores foram marcados por um maior nível de adaptação dos camponeses a nova proposta política adotada. (MARTI, 2007)

2.3 A CRIAÇÃO DAS ZEE'S E O INICIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO CHINESA

Após as reformas agrícolas já estarem bem encaminhadas, era a hora de Deng avançar no plano das “Quatro Modernizações”, de maneira a se voltar agora para ao empresariado. Uma das primeiras medidas foi efetuar a transferência para as empresas estatais de parte das responsabilidades que antes eram exercidas sobre elas pelos órgãos administrativos do governo. Foi o ponto de partida para uma maior descentralização da tomada de decisões para o lado das empresas públicas, além de um ganho destas na questão de autonomia para direção de seus objetivos.

Em compensação, ficava a cargo dessas empresas estatais a obrigação de ceder parte dos lucros obtidos ao Estado. Essa decisão dava início ao fim do controle rígido e central que o PCC exercia sobre a economia. Com as descentralizações das decisões, e a maior autonomia das empresas públicas, o PCC incentivou a inserção dessas empresas em um mercado competitivo, o que acarretava a um estímulo a modernização das mesmas, que se encontravam defasadas. (ARRIGHI, 2008)

Na segunda metade da década de 1980, a China iniciou uma reforma mais intensa no setor industrial, permitindo que empresas multinacionais adentrassem no país, o que como consequência veio a atrair maiores níveis de investimento direto externo (IDE). Um papel estratégico foi tomado pelos conglomerados chineses no sentido da realização das *joint-ventures*, uma vez que os mesmos mantiveram o controle chinês sobre as empresas que se instalaram no país.

A prática de *joint ventures* na China foi bastante difundida, já que o governo exigiu que as multinacionais que viessem a operar no país, realizassem uma cooperação econômica com as empresas nacionais, buscando não enfraquecer as empresas locais.

Para sanar o problema do setor industrial, as ZEE's (zonas econômicas especiais) foram criadas, almejando aumentar os níveis de exportações do país, e sendo responsável pela entrada das multinacionais na China. Dentro dessas regiões existia a liberdade de importação de insumos e componentes para produção de bens, além da realização de operações cambiais, que visavam atrair investimento estrangeiro principalmente de Hong Kong, Taiwan. A ideia era que após a criação das ZEE's, a China traísse cada vez mais investimentos estrangeiros, e ganhasse divisas.

Foi iniciado o processo com a criação de quatro zonas econômicas especiais, que eram elas, Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen, todas com proximidade ao litoral

sul da China, e próximas a Hong Kong, visando a estimulação das atividades industriais da região. Para viabilizar a estimulação das ZEE's, uma série de isenções fiscais foram concebidas, aonde as empresas que fossem vinculadas as ZEE's, possuíam liberdade cambial, além da isenção de impostos.

Diversos *clusters* (aglomerados) foram criados e os *spill/overs* positivos de todos esses fatores mostraram-se excelentes para a inserção chinesa na industrialização. O fator localização foi outro grande diferencial para o sucesso das Zonas, visto que, Hong Kong estava migrando sua produção para produtos com maiores níveis tecnológicos, o que possibilitou que a China se inserisse em mercados como o de manufaturas. Aproveitando-se dos *spill/overs* referentes à organização da produção, capacidade gerencial e contatos comerciais com o resto do mundo (NONNENBERG, 2008)

Dentro das ZEE's, as atividades existentes deveriam se basear nas condições de mercado, aonde as empresas instaladas nessas regiões, estariam livres para estipular o preço dos bens produzidos, e também decidir o volume que seriam produzidos dos bens. O governo ficaria a cargo de facilitar as atividades econômicas nas ZEE's, através de subsídios, reduções na carga tributária, infraestrutura, além de ofertar uma mão de obra capacitada. A ideia era que através dessas medidas, o sistema produtivo se revitalizaria. Os investidores estrangeiros seriam os responsáveis por introduzir novas tecnologias e novos modelos organizacionais, além de criarem postos de trabalhos, e de aumentarem o volume das exportações (MARTI, 2007)

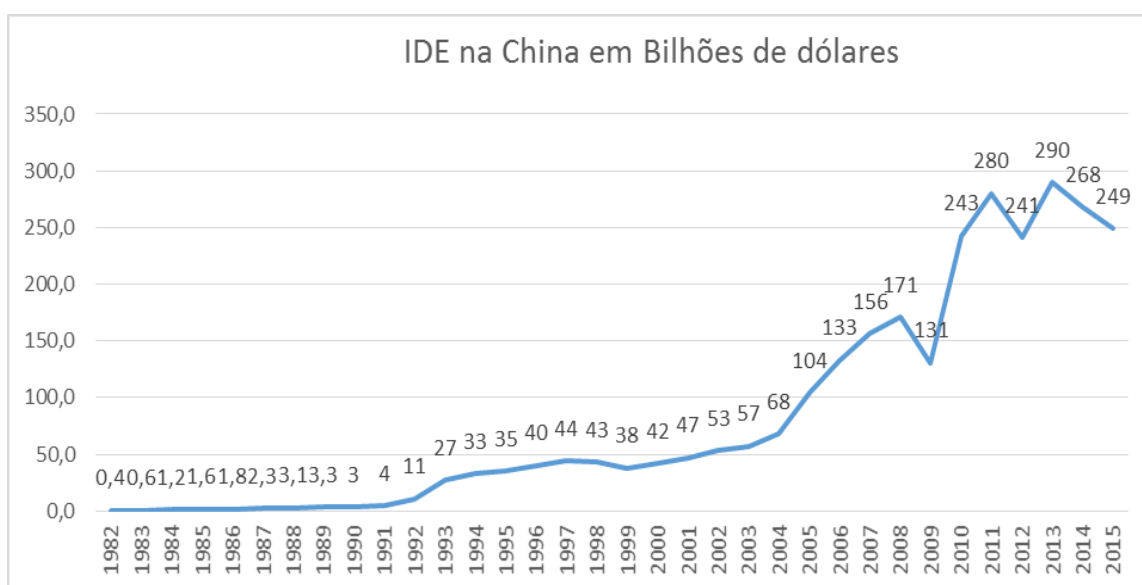
O custo da mão de obra dentro das ZEE's foi outro aspecto que também deve ser levado destacado, pois foi um dos principais fatores da competitividade chinesa frente aos demais países asiáticos. O salário mínimo de um operário em uma ZEE era cinco vezes menor do que ao salário mínimo em um país que fizesse parte do bloco dos "Tigres Asiáticos", trazendo custos muitos mais baixos nas produções industriais.

Após observar os avanços das regiões que foram implementadas as primeiras ZEE's, e ao sucesso que era demonstrado por elas, Deng decidiu junto ao PCC pela inserção de mais quatorze cidades litorâneas no projeto, sendo elas Tianjin, Shanghai, Dalian, Qinghuangdao, Yantai, Qingdao, Lianyungang, Nantong, Ningbo, Wenzhou, Fuzhou, Guangzhou, Zhanjiang e Beihai. (ARRIGHI, 2008)

“Graças ao tamanho continental e à imensa população do país, essas políticas permitiram ao governo chinês combinar as vantagens da industrialização voltadas para a exportação, induzida em grande parte pelo investimento estrangeiro, com as vantagens de uma economia nacional centrada em si mesma e protegida informalmente pelo idioma, pelos costumes, pelas instituições e pelas redes, aos quais os estrangeiros só tinham acesso por intermediários locais.” (ARRIGHI, 2008)

É possível observar que a entrada de IDE na China, é crescente, conforme o Gráfico 1, aonde é notável constantes crescimentos ao longo do período, saindo da casa de 430 milhões de dólares em 1982, e vindo a atingir quase 250 bilhões em 2014.

Gráfico 1. Investimento Direto Estrangeiro (IDE) em dólares na China.



Fonte: Banco Mundial

Nota: Elaboração Própria

A estratégia de desenvolvimento tomada pelo PCC, no governo de Deng, buscou reestruturar as áreas rurais, incentivar a produção industrial via política exportadora, proteger o mercado interno, estimular o investimento externo produtivo. Além de adotar uma política de preços e de produção mais flexível e que seguia o mercado. Entretanto, por mais que Deng tenha promovido diversas mudanças na estrutura do país, os principais setores da economia chinesas ainda sofriam grande influência do controle estatal (ARRIGHI, 2008)

2.4 O SALTO NA INDUSTRIALIZAÇÃO CHINESA

No período de 1992 a 2007, a China realizou o que foi considerada um salto industrializante no país, movimento que está ligado a três fatores importantes, primeiro a entrada investimento direto externo (IDE), aonde a partir de 1992, foi assistido uma grande aceleração nos níveis de IDE dentro da China. O segundo fator a ser destacado é o acréscimo que ocorreu no volume de exportação chinesa, somados a mudança na pauta de exportação do país, que passou de bens de consumo com baixo valor agregado para bens com alta tecnologia embutida. Por último, o terceiro fator foi a intensiva modernização do setor industrial no período em questão, que foi o responsável pela mudança da pauta exportadora.

A China optou por proteger ao máximo seu mercado interno, negociando caso a caso a entrada de multinacionais. Dessa forma garantindo que elas realizassem os investimentos necessários para a modernização de seu parque industrial. Através de um planejamento central bastante rigoroso, o país foi capaz de garantir que o desenvolvimento das indústrias estivessem alinhados ao seu planejamento

“China, of course, has also been the recipient of major multinational investment. This is despite the fact that the country does not run a liberal investment regime, but imposes various kinds of restrictions including for example joint ventures with Chinese firms in order to draw maximum benefit from such investments. To explain the Chinese performance, non-orthodox economists suggest the following kinds of factors: extraordinarily high rates of investment, an ability to marry the market with the plan, an incentive system reflecting planning priorities, and China's advantage in using the command economy to build world class industrial, scientific and educational infrastructure, both soft and hard (SINGH, 2007 p. 13).

O IDE dentro da China, veio acompanhado do *know how* das empresas estrangeiras, visto que obrigatoriamente as mesmas precisam ter dentro do seu quadro acionário um sócio chinês. Fazendo parte da gestão de multinacionais, os chineses se apropriam do valioso conhecimento contidos nelas, uma vez que a propriedade intelectual possui pouco respaldo legal, o que deixa aberto o caminho para a criação de produtos copiados chineses, já que os mesmos tinham conhecimento dos processos de produção, forma de gestão e contatos de fornecimento, com isso, eles acabam por criar seus próprios produtos concorrentes. (SINGH, 2007)

Já olhando no quesito das exportações, os chineses tomaram como estratégia, as já citadas ZEE's, que foram criadas com objetivo de tornar a nação um polo exportador com uma pauta diversa de bens. As empresas que não se localizavam dentro das ZEE's ficam à mercê de rigorosa regulamentação do comércio exterior chinês, conduzido pelas *tradings* estatais.

Buscando estimular as exportações e viabilizar o desenvolvimento industrial tardio do país, a partir do ano de 1984 o governo chinês optou por desvalorizar sua moeda, com isso, estabeleceu-se um mercado dual de câmbio, o oficial e administrado, e o "mercado de *swaps*", com acesso restrito às empresas das ZEE's e *tradings* estatais. (MEDEIROS, 1999)

A opção por uma moeda em constante desvalorização foi um dos combustíveis para o desenvolvimento da indústria chinesa com foco na exportação, incentivando a produção em seu país e tornando viável um setor industrial que estava em processo embrionário. Entre o período de 1985 até 1994, foi possível observar uma desvalorização da moeda local frente ao dólar, no caráter de 193% (segundo o *China Statistical Yearbook* 2007). O país soube muito bem utilizar da sua política cambial a seu favor, seu elevado nível de reservas e uma política altamente protecionista possibilitaram a manutenção de taxa de câmbio favorável à exportação

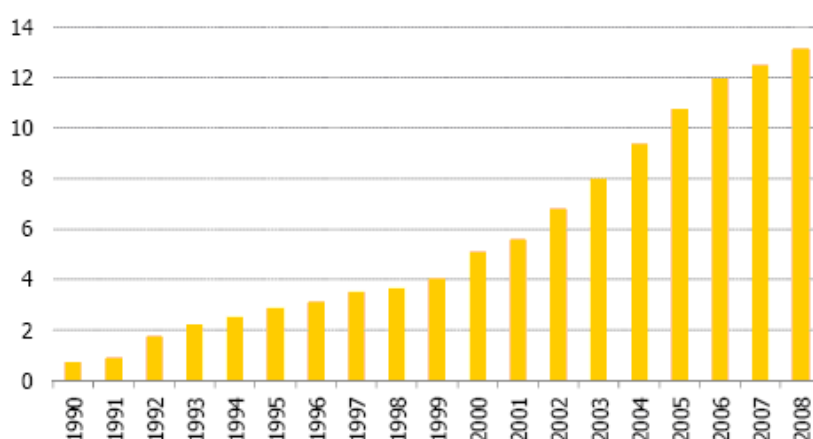
Outro fator que deve ser destacado na ascensão do setor industrial Chinês é o comércio exterior, segundo Arora (2010), a China possuía uma participação de 1% do comércio global no início da década de 80, valor que seria aumentado oito vezes até 2008, atingindo um valor de 8%. Por mais que o país tenha vivenciado uma rápida expansão nos valores, ainda não era o suficiente para fazer frente aos fluxos comerciais exercidos pelos Estados Unidos no mundo, onde as importações da China equivaliam a menos da metade das importações norte americanas.

O aumento da participação chinesa no comércio internacional comprovou a ascensão do poder econômico do país durante as últimas três décadas, exemplificando com a obra de Arora & Vamvakidis (2010), as trocas com a China representaram para o Japão, 17,4% do comércio exterior do país no ano de 2008, valor que era de somente 3,5% na década de 80. Já para Hong Kong, ainda em 2008 o percentual era de 47,5%, e de 22,3% para a Coreia do Sul, de modo que a importância da China se apresentou igualmente crescente nas demais regiões do mundo, nos EUA a participação da China nas trocas internacionais chega a 12,3%.

Enquanto na Europa, Oceania e África o percentual chinês no comércio exterior foi igualmente crescente nas últimas décadas.

Com o setor industrial Chinês cada vez mais consolidado, foi possível observar através dos anos que cada vez mais o país abandonava uma pauta exportadora de bens primários, migrando para os produtos de média e alta tecnologia, que praticamente eram nulos na década de 80 e vieram a atingir em 2008 13% da pauta chinesa (conforme demonstrado na Figura 1 abaixo)

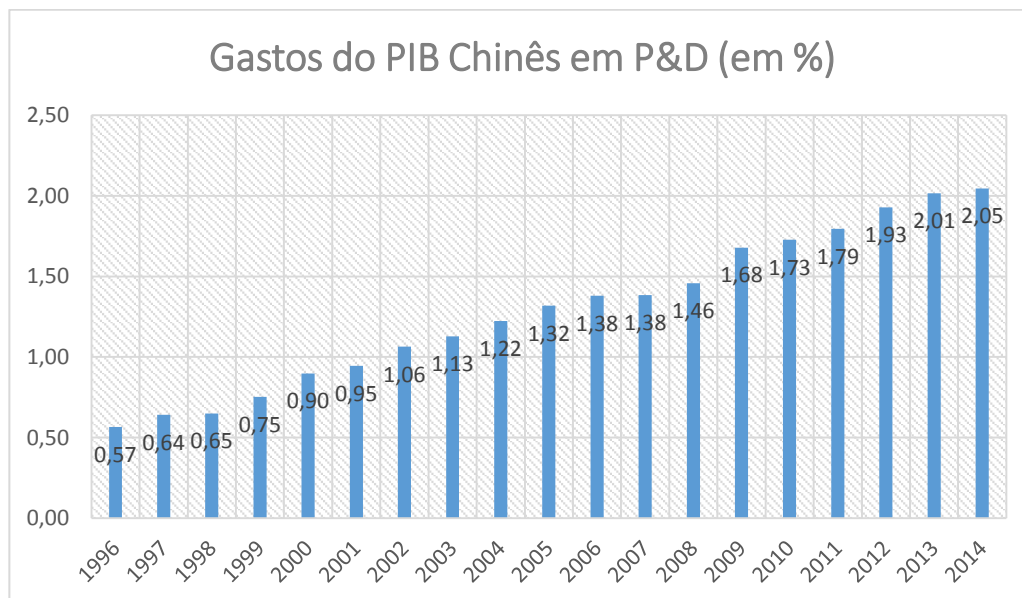
Figura 1. Participação da China na exportação global de produtos de alta/média tecnologia



Fonte: Arora & Vamvakidis (2010, pg. 14)

O aumento da produção de produtos agregados em tecnologia tem como um dos principais fatores o aumento nos investimentos em ciência e tecnologia, e também em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Através de dados disponibilizados pelo Banco Mundial, é possível observar o avanço dos nos investimentos em P&D nos últimos anos, que seguem crescendo desde 1996 (primeiros dados informados pelo Banco Mundial), conforme demonstrado no Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2. Gastos do PIB Chinês em P&D (em %)



Fonte: Banco Mundial

Nota: Elaboração própria

Entretanto, além da expansão do investimento em P&D na China, segundo Castro (2015), existem evidências de um esgotamento no modelo de produção manufatureira chinês, e que devido a esse esgotamento, o país voltaria suas atenções em outro segmento industrial, um processo que levaria um grande período para ter a sua transição ser efetuada, o que também deve ser levando em conta quanto explicado a mudança na pauta comercial chinesa.

A estratégia chinesa de desenvolver rapidamente sua indústria interna, utilizando-se do protecionismo ao mercado interno e de incentivos as exportações, foi claramente uma política de sucesso. Em menos de 30 anos o país foi capaz de modernizar o setor industrial e se tornar uma das maiores e mais importantes potências mundiais, tendo nos dias de hoje uma influência notória sob a economia global.

3. A CHINA COMO POLO DUPLO NA ECONOMIA MUNDIAL

Com a migração da pauta de produção Chinesa em vigor, cada vez mais para produtos de média e alta tecnologia passaram a ser produzidos, e com isso o país começou a se consolidar cada vez mais no cenário econômico global. Entretanto essa mudança no setor industrial, viria a gerar alguns efeitos no cenário comercial asiático.

Frente a esse cenário, a China segundo Medeiros (2006), se tornou um polo duplo na economia global, onde o principal efeito observado foi a expansão da pauta exportadora para os Estados Unidos, e a expansão da pauta importadora de seus vizinhos asiáticos.

É importante lembrar o processo de industrialização e abertura comercial chinês do capítulo anterior, para que todo esse avanço ocorresse no país, foi necessário uma série de mudanças na estrutura econômica e social chinesa. O plano de Deng Xiaoping com as Grande Quatro Modernizações foi fundamental para a mudança na pauta chinesa, uma vez que com a sua instauração, foi aberto espaço para a industrialização do país.

3.1 – A FORMAÇÃO DO DUPLO POLO CHINÊS

A região asiática vivenciava um cenário de alto crescimento do comércio regional, decorrentes dos investimentos do Japão e dos Tigres Asiáticos (podendo ser destacado Hong Kong e Singapura) nos países membros da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). O que por consequência acarretou em um alto nível de dinamismo econômico entre os países envolvidos, modelo que veio a entrar em colapso em 1995, quando a moeda japonesa sofreu forte desvalorização frente ao dólar (cerca de 30% do seu valor, entre os anos de 1996 até 1998).

Como estes países usufruíam de uma política cambial atrelada ao dólar, a valorização da moeda norte americana frente ao yen, levou a uma valorização das principais moedas asiáticas, com exceção ao yuan chinês, que já havia passado por uma desvalorização no ano de 1994.

Uma vez que sua moeda estava desvalorizada frente aos seus vizinhos, e contando com o sucesso decorrente da implementação das ZEE's, a China conseguiu ganhar espaço em mercados que antes eram ocupados pelos demais membros da

ASEAN, levando a um grande acréscimo da participação dos EUA nas exportações chinesas. (MEDEIROS, 2006)

Também no mesmo período, ocorreu um declínio nos níveis de importações do Japão, e também uma diminuição dos fluxos de IDE voltado aos membros da ASEAN, que se somaram ao fator de muitos desses países não possuíam regulamentações financeiras na década de 90, acarretando a uma mudança estrutural do financiamento externo na região asiática.

Onde foi gerado uma expansão nos capitais de curto prazo. Essa expansão dos capitais de curto prazo, levou a uma crise de liquidez, que no ano de 1997 afetou diversos países do continente, como Tailândia, Malásia, Coreia, Indonésia e Filipinas, ocasionando uma migração dos fluxos de IDE, além dos fluxos comerciais destes países, em direção a China. (MEDEIROS, 2006).

“Após abrupta recessão e colapso cambial (desvalorizações de cerca de 50% em relação ao dólar) ocorrida em 1997, as economias da ASEAN ao lado da Coreia, com exceção da Indonésia, retomaram suas trajetórias expansivas a partir de uma política fiscal expansiva e forte recuperação das suas exportações. O fator imediato responsável pelo crescimento das exportações foi o boom da “nova economia” nos EUA e seu impacto na Tecnologia de Informação (TI); com o estouro da bolha ocorrida em 2000/2001, as exportações asiáticas se expandiram em função do alto crescimento da China. Mantendo inalterada sua taxa nominal de câmbio com o dólar, a China reagiu à contração de suas exportações com uma política anticíclica centrada nos investimentos públicos. Assim, se a China como produtor mundial de produtos da TI e bens de consumo industriais para os mercados ocidentais — o primeiro pólo- deslocou produtores asiáticos, a China enquanto grande mercado interno em expansão — o segundo pólo tornou-se o principal magneto para o desenvolvimento asiático. Graças à manutenção de um extraordinário crescimento econômico e da estabilidade do yuan — a China, que se afirmou como um exportador líquido para os EUA e o Japão, transformou-se, simultaneamente, num importador líquido para a Ásia.⁴ Esta mudança no comércio regional começou por alterar a dinâmica do crescimento asiático centrada nos EUA como mercado final e fez da China uma máquina do crescimento regional e de sua estabilização. ” (MEDEIROS, 2006 p. 2)

Conforme observado na Tabela 1, a seguir, é possível constatar o argumento de Medeiros (2006), o polo duplo da China fica evidenciado nas relações comerciais, sendo um exportador líquido para os Estados Unidos e economias Europeias, e transformando-se em um importador líquido da Ásia, principalmente dos países como Coreia do Sul e Taiwan.

Quadro 1. Principais parceiros comerciais da China (2014)

País	Corrente de Comércio (US\$ Milhões)	Exportações (US\$ Milhões)	Importações (US\$ Milhões)	Saldo (US\$ Milhões)
Estados Unidos	556.946	397.105	159.841	237.264
Japão	312.252	149.410	162.842	-13.432
Córea do Sul	290.440	100.335	190.105	-89.770
Taiwan	198.273	46.277	151.996	-105.719
Alemanha	177.695	72.703	104.992	-32.289
Austrália	136.823	39.148	97.675	-58.527
Malásia	102.010	46.355	55.655	-9.300
Rússia	95.295	53.675	41.620	12.055
Brasil	86.553	34.878	51.675	-16.797
Vietnã	83.632	63.731	19.901	43.830
Reino Unido	80.745	57.141	23.604	33.537
Cingapura	79.722	48.912	30.810	18.102
Países Baixos	74.265	64.929	9.336	55.593
Tailândia	72.620	34.293	38.327	-4.034

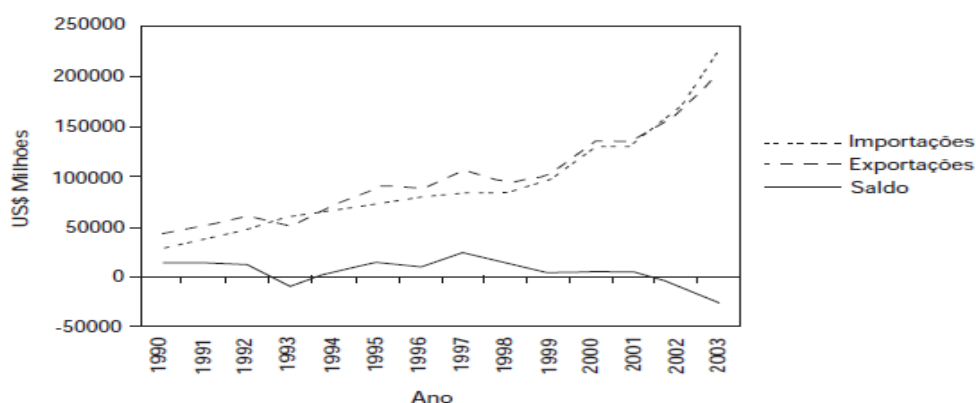
Fonte: ITC Trade MAP

Nota: Elaboração própria

3.2 O DUPLO POLO CHINES, E A O IMPACTO SOBRE O CONTINENTE ASIÁTICO

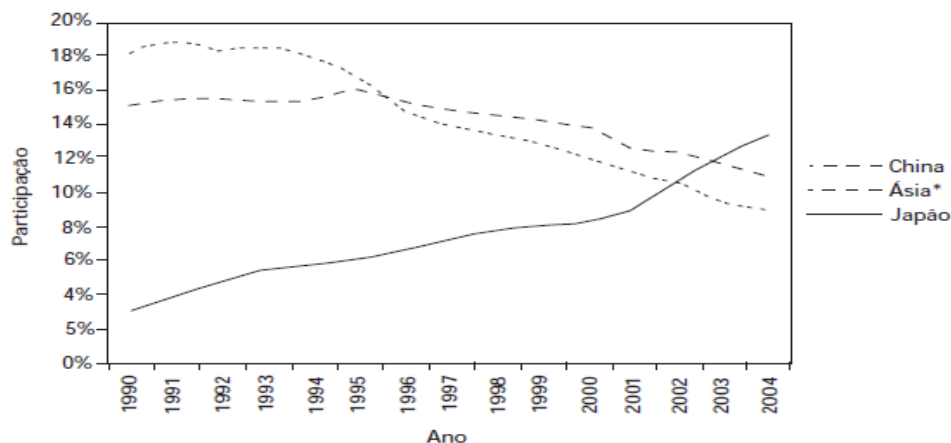
Durante o período de 2000 até 2003, os Estados Unidos aumentaram as suas importações oriundas da China na escala de 50%, gerando uma diminuição das importações provenientes dos demais países do Leste Asiático e do Japão. Porém, de maneira simultânea, a China gerou um acréscimo sobre as demandas dos bens exportados por seus vizinhos asiáticos, dessa maneira, o crescimento das exportações chinesas, ocorreram em um escopo em que uma forte expansão conjunta dos países asiáticos foi gerado.

Figura 2. Balança comercial chinesa com o Leste Asiático e o Japão



Fonte: UNCTAD, UNCTAD Handbook of Statistics Online, disponível em www.unctad.org

Figura 3. Participação dos Estados Unidos nas importações por país da Ásia



Fonte: U.S. Department of Commerce, Trade Statistics Express, disponível em www.commerce.gov

Observando as figuras 2 e 3, é constatado os movimentos que consolidaram a China como um polo duplo na economia mundial, sendo o principal produtor de manufaturas de cunho intensivos em mão de obra, e se tornando um potencial mercado para a produção de máquinas, equipamentos e indústrias de tecnologia, o que levou a uma mudança no cenário econômico do continente. (MEDEIROS, 2006). Para a compreensão dos impactos gerados pela China ao se transformar nesse polo duplo no cenário global, é necessário compreender a existência de um efeito de estrutura oriundo da pauta de exportação e importação do país.

“ Há aqui dois mecanismos. De um lado, um mecanismo substitutivo gerado pelas exportações chinesas em terceiros mercados, particularmente nos EUA sobre as exportações asiáticas. As plataformas exportadoras chinesas de produtos intensivos em mão de obra deslocam produtores asiáticos destes bens e absorvem capitais voltados para a sua produção e exportações mundiais. Associado a estas exportações existe, em segundo lugar, um mecanismo complementar, decorrente das importações, que atinge de forma diferenciada os países segundo suas capacitações tecnológicas específicas favorecendo os mais avançados na produção de bens de capital e aqueles produtores especializados de matérias-primas. Mas há um segundo efeito, que no padrão de desenvolvimento anterior era exercido pelos EUA. Trata-se do efeito escala, associado ao ritmo de crescimento do mercado interno chinês. Este efeito age contrariamente ao mecanismo substitutivo, permitindo que os produtores de bens intensivos em mão-de-obra possam compensar a queda de sua participação em terceiros mercados com o aumento de suas exportações para a China. Ademais, ao contrário dos fluxos de IDE voltados às plataformas de exportação chinesas, os fluxos destinados ao mercado interno chinês não constituem deslocamentos de instalações ou de decisões de instalações em países da ASEAN, mas são formados por investimentos que só existem para atender ao mercado chinês. ” (MEDEIROS, 2006 p. 9)

Dado os efeitos e mecanismos citados acima, na obra de Medeiros, é importante identificar as caracterizações do padrão comercial Chinês com os seus vizinhos, e verificar o impacto sobre a dinâmica de crescimento da região. Os principais fornecedores de bens de capital na região asiática, eram o Japão e a Coreia, países que tinham a China como seu principal mercado em movimento de expansão. O fluxo comercial e de investimentos consolidado por Japão, China e Coreia formaram um padrão de comércio no qual o país que possuía o setor industrial mais desenvolvido, exportavam produtos de maior conteúdo em tecnologia, podendo citar os OEM (*Original Equipment Machine*, que são produtos fabricados especialmente para empresas de grande porte).

O comércio bilateral entre China e Japão, no ano de 2002 chegou a alcançar o patamar de US\$102 bilhões, e desde de 1990 a taxa de crescimento desta relação comercial é maior do que se comparada a relação chinesa ao restante do mundo. Nos últimos anos, as exportações do Japão focadas no mercado chinês, cresceram a taxas extremamente significativas, após um período de fluxo negativo na balança comercial o fluxo comercial entre os países foi favorável para os chineses. Porém sob a ótica dos fluxos com Hong Kong, o saldo permanece favorável ao Japão. (MEDEIROS,2006). É importante atentar-se que no ano de 2003 o Japão exportou mais para a China do que Hong Kong e Taiwan exportaram para os Estados Unidos (GRESSER,2004), o que foi um fator inédito na época

“Uma das principais características do comércio intra-asiático e da composição dos fluxos de investimento é o peso da produção compartilhada. Segundo um abrangente estudo do Banco Mundial (Ng e Yeats, 2003) o comércio em partes e componentes atingiu em 2003 cerca de 1/5 do comércio intra-asiático. Historicamente o centro da produção compartilhada no sudeste asiático tem sido o Japão e segue sendo a partir de suas grandes corporações na TI. A China constitui hoje o maior mercado de componentes para a indústria japonesa, e parcela significativa dos investimentos nipônicos na China destinam-se à montagem desta rede de comércio e produção, comandada por suas grandes corporações. ” (MEDEIROS, 2006 p. 11)

A partir do ano de 2003, a China já havia se tornado o principal mercado de exportação para o mercado Coreano, superando inclusive os Estados Unidos. Os principais produtos importados pela China oriundos da Coreia são máquinas, produtos químicos e intermediários, enquanto em contrapartida as importações Coreanas do mercado Chinês são basicamente matérias primas e bens de consumo, gerando saldo positivo elevado para os Coreanos nessa relação comercial.

Nos anos mais recentes, a China afirmou-se como o principal responsável pelo saldo comercial coreano. Fluxo similar ao que ocorre no Japão, estrutura comercial que estão muito correlacionados aos fluxos de IDE, que estão concentrados em sua grande maioria em eletrônicos, equipamentos de telecomunicações, produtos têxteis e vestuários, produtos químicos. Sendo os estes fluxos de investimentos, uma das maiores partes da produção compartilhada Chinesa (MEDEIROS, 2006)

Decorrentes de custos mais altos, e de grande experiência em serviços financeiros e transportes, Hong Kong foi deslocou para a China a sua base produtiva com especialização em atividades de serviços, principalmente explicados por um

massivo deslocamento de capital no fluxo Hong Kong – China, fator que também foi observado em Taiwan.

Frente ao efeito negativo das exportações chinesas sobre as exportações de produtos de consumo dos países asiáticos (principalmente manufaturas), levou a um movimento que deslocou as exportações de Hong Kong e Taiwan de mercados terceiros, o que por consequência, acarretou em um deslocamento dos capitais destas regiões. Graças a alta integração destas regiões com os investimentos internacionais, o padrão comercial chinês, favorece os grandes produtores mundiais das OEM, principalmente companhias norte americanas e japonesas. Como grande entreposto comercial e de serviços, a região administrativa especial de Hong-Kong é ao mesmo tempo um grande investidor e uma base de investimentos estrangeiros (MEDEIROS, 2006)

“Como grande entreposto comercial e de serviços, a região administrativa especial de Hong-Kong é ao mesmo tempo um grande investidor e uma base de investimentos estrangeiros. Assim, a sua participação nos fluxos de IDE, estimados em cerca de 33% em 2003 (*China Statistical Yearbook*, 2004) contra apenas 7,8% dos EUA é sem dúvidas exagerada subestimando os fluxos oriundos de outros países e da própria China continental que investem na China a partir de Hong-Kong. Do mesmo modo, tendo em vista as políticas restritivas de investimento decorrente das disputas geopolíticas sobre Taiwan, parcela importante dos investimentos dos chineses de Taipei se dá a partir de subsidiárias estabelecidas em outros mercados. A despeito de suas imprecisões, os dados sobre a origem dos fluxos de IDE revelam um alto peso de Hong-Kong, Macau, Taiwan e Singapura. Longe de constituir uma rede exclusivamente chinesa de investimentos voltada para a China continental ela está alta e crescentemente, articulada com os fluxos de investimento das principais firmas multinacionais ocidentais que se especializam na comercialização de suas marcas” (MEDEIROS, 2006 p. 12)

Estes movimentos com amplos impactos nos fluxos de comércio e investimento, estão relacionados a alocação das grandes empresas em solidificar a China como a base manufatureira de bens eletrônico de consumo, com isso, a relação comercial e de investimento entre Coréia, Japão, e da China com a “grande China” é bastante favorável ao balanço de pagamentos e crescimentos destes países. Os fluxos de comércio oriundos dos investimentos asiáticos na China, se demonstram de caráter negativo para os Chineses, e positivos para seus investidores. (MEDEIROS, 2006)

Já com os bens de consumo intensivo em mão de obra, os níveis de exportações chinesas tiveram um efeito negativo sobre as exportações dos seus competidores asiáticos. Em relação as importações, a sua pauta concentrada em

commodities tem gerado uma expansão tanto no volume, quanto nos preços desses bens, o que favoreceu aos países asiáticos que produzem os mesmos, como Brunei, Malásia, Mongólia, Vietnã e Camboja, além de gerar um impacto também sobre o Brasil. (MEDEIROS, 2006). Sendo a China entre 1995 e 2001 o maior mercado em ascensão para Brunei, Camboja, Indonésia, Malásia, Mongólia, Tailândia, Vietnam. (NG e YEATS, 2003)

“O fato de a China ter se afirmado como principal mercado em expansão para as exportações dos países da ASEAN e num importador líquido para a Ásia, deve-se à combinação desta estrutura (que diretamente favorece os produtores e *commodities* mas desloca os produtores de bens de consumo) com a excepcional taxa de crescimento de seu grande mercado interno. Assim, mesmo deslocando outros países asiáticos produtores de bens de consumo de terceiros mercados (efeito estrutura), a expansão do seu consumo destes bens (efeito escala) leva a uma grande expansão do volume das exportações asiáticas quer para o atendimento do seu mercado interno quer indiretamente para o atendimento do mercado japonês ou coreano, dinamizados pela demanda de máquinas e equipamentos da China. Estas questões assumem grande importância, tendo em vista os interesses comerciais e geopolíticos que orientam o ingresso da China na OMC e a liberalização do comércio e cooperação regional na Ásia” (MEDEIROS, 2006 p. 13)

Com o crescimento econômico chinês, foi possível observar a retomada do crescimento japonês (que se tornou tradicional fornecedor de bens de capital para o mercado da China), uma recuperação nas taxas de exportações do mercado sul coreano (que vivia uma década de estagnação após a crise de 1997), impactando também países que possuíam pautas exportadoras que competiam com a chinesa, e que perderam seus espaço em mercados, como por exemplo dos Estados Unidos, também conseguiram se beneficiar das altas taxas de crescimento das importações chinesas, além dos principais produtores de matérias primas como Indonésia, que tiveram seus ganhos beneficiados duplamente, pelo aumento do volume das exportações, e pela elevação dos preços no mercado mundial. (MEDEIROS, 2006)

4. CONCLUSÃO

Nos dias de hoje, quando é falado em crescimento econômico, e em patamares de industrialização, a China é utilizada como modelo de êxito nesses aspectos. Entretanto, as mudanças estruturais do país não ocorreram da noite para o dia, para que fosse alcançado o modelo atual, diversas atitudes foram demandadas pelos governantes, sendo nem todas elas exemplos de sucesso, podendo nesse caso ser citado o Grande Salto Adiante, proposto no governo de Mao, que levou a milhares de chineses a passar por fome, e inclusive vir a falecer, uma vez que a expansão da produção agrícola, não acompanhou a expansão populacional que estavam migrando para as cidades.

Por mais que o plano de Mao tenha fracassado, seus sucessores conseguiram dar continuidade ao plano de migrar a economia do país, de uma pauta meramente agrícola, para uma pauta industrializada. As formações das Zonas Econômicas Especiais foram primordiais para o sucesso desse plano, uma vez que criavam vantagens comparativas e atraíam fluxos de investimentos para o país, fomentando assim o setor industrial Chinês. Com o avanço no setor, a pauta de exportação Chinesa se tornou mais diversificada, deixando de ser uma mera exportadora de bens primários, e migrando para os produtos de média e alta tecnologia, muito consequência da decisão governamental em desvalorizar a moeda local, e do possível esgotamento no modelo de produção baseado em manufaturas (segundo a obra literária de Castro), e ao cenário econômico regional asiático.

Uma vez que a pauta exportadora da China se tornou muito mais avançada, o país veio a competir com seus vizinhos, e acabou por tomar grande parcela do espaço dos mesmos nos mercados exportadores, o que por consequência abalou dinâmica econômica da região, entretanto novas relações comerciais se estabeleceram decorrentes destas mudanças, a China se tornou um polo duplo na economia global, sendo ela um importador das produções de seus vizinhos, e um exportador para as demais economias, principalmente a Norte Americana.

Porém, por mais que a obra literária de Medeiros, e dados do *ITC Trade Map*, apontem para a consolidação do modelo do duplo polo chinês sob a ótica da balança comercial, deve ser observado que recentemente o país vem crescendo em taxas menores se comparadas aos anos anteriores (segundo o Banco Mundial), aonde uma possível explicação é o fator de que o setor de construções industrial e residencial

também vem crescendo em taxas decrescentes, como este setor é considerado um dos principais pilares do crescimento econômico chinês, o recuo nas taxas podem muito estar correlacionados a este “desaquecimento” deste setor.

Além do desaquecimento das construções civis, o modelo de crescimento econômico pautado em investimentos e exportações também vem sofrendo o mesmo efeito, muito devido as crises econômicas que se passaram na Europa e Estados Unidos. O que deixa no ar um desafio ao governo Chinês de mudar o modelo chinês, para continuar expandindo sua economia.

Uma proposta de novo modelo seria um fortalecimento do mercado interno chinês, aonde seria necessária uma expansão nos rendimentos da população, uma vez que os principais mercados de exportação da china passaram por recessões, e com isso tentar suprir a demanda perdida pela retração do consumo destes países.

Mesmo que venha a se evidenciar o esgotamento do modelo econômico Chinês, é notável que o mesmo entrará para história como um modelo a ser seguido pelos países emergentes.

REFERÊNCIAS

ACIOLY, Luciana. China: Uma Inserção Externa Diferenciada. Economia Política Internacional: Análise Estratégica. 2005

ARORA & VAMVAKIDIS, Vivek & Athanasios. China's Economic Growth: International Spillovers. Washington, DC: International Monetary Fund, Jul. 2010. (IMF Working Paper)

ARRIGHI, Giovanni. . Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Bomtempo, 2008.

CASTRO, A. Barros de: "No espelho da China". Documento disponível em <http://plenoemprego.files.wordpress.com/2008/02/no-espelho-da-china1.pdf>

CASTRO, Demian, China e as conexões do desenvolvimento: questões de economia, sociedade e política, 2015

CHINA STATISTICAL YEARBOOK 2007, disponível em <http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2007/indexeh.htm>

CHOW, Gregory C. China's Economic Transformation. Blackwell Publishing, 2003.

DEQIANG, Han Chinese Cultural Revolution: Failure and Theoretical originality Institute of Economics and Management. Beijing University of Aeronautics and Astronautics. Beijing,

GRESSER, E “The Emerging Asian Union? China Trade, Asian Investment, and a New Competitive Challenge”, 2004

HEINER F. China's Spetacular Growth Since the mid-1990S- Macroeconomic Conditions and Economic Policy Challenges. UNITED NATIONS New York and Geneva 2005

ITC TRADE MAP, disponível em
<<http://www.trademap.org/Index.aspx?AspxAutoDetectCookieSupport=1>> Acesso em 23 de Novembro de 2016

MARTI, Michael E. A China de Deng Xiaoping – O homem que pôs a China na cena do século XXI. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2007.

MEDEIROS, C. Aguiar. A China como um Duplo Pólo na Economia Mundial e a Recentralização da Economia Asiática. texto disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572006000300004
Acesso em: 23 de Novembro de 2016

MEDEIROS, C. Aguiar. China: Desenvolvimento Econômico e Ascensão Internacional., 2008

MEDEIROS, C. Aguiar. Economia política do desenvolvimento recente da China. Revista de Economia Política, v. 19, n. 3, 1999

MEDEIROS, C. Aguiar. Notas sobre o desenvolvimento recente da China. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1999.

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA. . Disponível em: <<http://www.stats.gov.cn/english/>>. Acesso em: 23 de Novembro de 2016.

NONNENBERG, B. Marcelo, ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO DA CHINA, 2007

NONNENBERG, B. Marcelo, O crescimento econômico e a competitividade chinesa, 2008

RUIZ, Ricardo, Polarizações e Desigualdades: Desenvolvimento Regional na China (1949-2000), UFMG, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, 2006

SINGH, Ajit Globalisation, Industrial Revolutions in India and China and Labour Markets in Advanced Countries: Implications for National and International Economic Policy. Meeting of Experts on "FDI, Technology and Competitiveness" A conference convened in honour of Sanjaya Lall

SPENCE, Johnatan. Em busca da China Moderna. Quatro Séculos de história. São Paulo, Companhia das Letras. 1990

THE WORLD BANK, Data & statistics, 2010. Disponível em <<http://econ.worldbank.org>> Acesso em 23 de Novembro de 2016

U.S. Department of Commerce, Trade Statistics Express, disponível em <www.commerce.gov> Acesso em 23 de Novembro de 2016

UNCTAD, Handbook of Statistics, disponível em <<http://www.unctad.org>> Acesso em 23 de Novembro de 2016